

TEMPLO DE UMBANDA
CABOCLO TUPINAMBÁ
E
PAI DAMIÃO

HISTÓRIA DA UMBANDA – COMO SURTIU

2013

HISTÓRIA DA UMBANDA – COMO SURTIU

Antes de apresentarmos a origem da Umbanda, devemos entender um pouco da história do Brasil; temos de entender os precedentes religiosos e culturais que levaram ao surgimento da única e genuína Religião Brasileira.

Quando da chegada dos portugueses no Brasil em 1500, avistaram o que para eles eram as Índias, ao desembarcarem depararam-se com uma já habitada por nativos. A estes aborígenes os lusitanos, por imaginarem estar nas índias, denominaram de índios.

Os primeiros contatos entre os dois povos foram, na sua maioria, amistosos, pois os nativos identificaram-se com alguns símbolos que os estrangeiros apresentavam. Porém, o tempo e a convivência se encarregaram em mostrar aos habitantes de Pindorama (nome indígena do Brasil) que os homens brancos estavam ali por motivos pouco nobres. O relacionamento, até então pacífico, começou a desmoronar.

Foram os índios inescrupulosamente escravizados e forçados a trabalhar na lavoura. Reagiram, resistiram, e muitos tiveram as vidas ceifadas em nome da liberdade. Mais tarde, o escravizador fez desembarcar na Bahia os primeiros negros escravos que, sob a égide do chicote, foram despejados também na lavoura; tal como os índios, sofreram toda espécie de castigos físicos e morais, e até a subtração da própria vida.

Desta forma, índios e negros, unidos pela dor, pelo sofrimento e pela ânsia de liberdade, desencarnavam nas Terras de Santa Cruz. Ora laborando no plano astral, ora como encarnados, estes espíritos lutavam incessantemente para humanizar o coração do homem branco, a fazer com que seus irmãos de raça se livrassem do rancor, do ódio, e do sofrimento que lhe eram infligidos.

De outra parte, a igreja católica, preocupada com a expansão de seu domínio religioso, investiu para eliminar as religiosidades negra e índia. Muitas comitivas sacerdotais foram enviadas, com o intuito “nobre” de “salvar” a alma dos nativos e dos africanos.

Os anos sucederam-se. Em 1889 foi assinada a “Lei Áurea”. O quadro social dos ex-escravos era de total miséria. Foram abandonados à própria sorte, sem um programa governamental de inserção social. Na parte religiosa seus cultos eram quase que direcionados ao mal, a vingança e a desgraça do homem branco, reflexo do período escravocrata.

SÉCULO XX

Zélio Fernandino de Moraes nasceu no dia 10.04.1891, no distrito de Neves, município de São Gonçalo / RJ. Aos dezessete anos quando estava se preparando para servir nas Forças Armadas através da Marinha aconteceu um fato curioso: começou a falar em tom manso e com um sotaque diferente da sua região, parecendo um senhor com bastante idade.

A família achou que houvesse algum distúrbio mental e o encaminhou ao seu tio (Dr. Epaminondas de Moraes), médico psiquiatra e diretor do Hospício de Vargem Grande. Após alguns dias de observação e não encontrando os sintomas apresentados em nenhuma literatura médica sugeriu à família que o encaminhassem a um padre para que fosse feito um ritual de exorcismo, pois desconfiava que seu sobrinho estivesse possuído pelo demônio. Procuraram então também um padre da família que após fazer o ritual de exorcismo não conseguiu nenhum resultado.

Posteriormente Zélio foi acometido por uma paralisia, para o qual os médicos não conseguiram encontrar a cura. Passado algum tempo, num ato surpreendente Zélio ergueu-se do seu leito e declarou: “Amanhã estarei curado”. No dia seguinte começou a andar como se nada tivesse acontecido. Nenhum médico soube explicar como seu deu sua recuperação.

Sua mãe (Dona Leonor de Moraes) levou Zélio a uma curandeira chamada Dona Cândida, figura conhecida na região onde morava e que incorporava o espírito de um preto velho chamado Tio Antônio. Tio Antônio recebeu o rapaz e fazendo suas rezas lhe disse que possuía o fenômeno da mediunidade e deveria trabalhar com a caridade.

O pai de Zélio (Sr. Joaquim Fernandino Costa) apesar de não freqüentar nenhum centro espírita, já era um adepto do espiritismo, praticante do hábito da leitura de literatura espírita.

No dia 15.11.1908, por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado a Federação Espírita de Niterói.

Chegando à Federação e convidados por José de Souza – dirigente daquela instituição – sentaram-se a mesa. Logo em seguida, contrariando as normas do culto realizado, Zélio levantou-se e disse que ali faltava uma flor. Foi até o jardim, apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa onde se realizava o trabalho.

Iniciou-se uma estranha confusão no local; Zélio incorporou um espírito e simultaneamente diversos médiuns presentes apresentaram incorporações de caboclos e pretos velhos.

Foi então que o jovem Zélio foi novamente dominado por uma força estranha, que fez com que ele falasse sem saber o que dizia (segundo depoimento do próprio Zélio).

Advertidos pelo dirigente do trabalho a entidade incorporada no rapaz perguntou:

- Porque repelem a presença dos citados espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens. Seria por causa de suas origens sociais e da cor?

Após um vidente ver a luz que o espírito irradiava perguntou:

- Porque o irmão fala nestes termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados, são claramente atrasados? Porque fala deste modo, se estou vendo que me dirijo neste momento a um jesuíta e a sua veste branca reflete uma aura de luz? E qual o seu nome meu irmão?

Ele respondeu:

- Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.

O vidente ainda pergunta:

- Julga o irmão que alguém irá assistir a seu culto?

Novamente ele responde:

- Colocarei uma condessa em cada colina que atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei.

Depois de algum tempo todos ficaram sabendo que o jesuíta que o médium verificou pelos resquícios de sua veste no espírito, em sua última encarnação fora o Padre Gabriel Malagrida.

Zélio de Moraes contou que no dia seguinte – 16 de novembro – ocorreu o seguinte:

“Minha família estava apavorada. Eu mesmo não sabia o que se passava comigo. Surpreendia-me haver dialogado com aqueles austeros senhores, em volta da mesa onde se praticava um trabalho para mim desconhecido. Como poderia, aos 17 anos, organizar um culto? No entanto eu mesmo falara, sem saber o que dizia e porque dizia. Era uma sensação estranha, uma força superior que me impelia a fazer e a dizer o que nem sequer passava pelo meu pensamento”.

Naquela noite (16.11.1908) na Rua Floriano Peixoto, 30 – Neves – São Gonçalo, aproximando-se das 20h00min, estavam presentes os membros da Federal Espírita, parentes, amigos e vizinhos e do lado de fora uma multidão de desconhecidos.

Pontualmente as 20h00min, o Caboclo das Sete Encruzilhadas desceu e usando as seguintes palavras iniciou o culto:

“Aqui inicia um novo culto em que os espíritos de pretos velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como mestre supremo Cristo”.

Deu também o nome desse movimento que se iniciava; disse primeiro AUMBANDA; muito provavelmente ficou o nome Umbanda e não AUMBANDA, porque alguém anotou a palavra separadamente (A UMBANDA); palavra de origem sânscrita, que se pode traduzir por “Deus ao nosso lado” ou “o lado de Deus”.

Depois de estabelecer as normas que seriam utilizadas no culto e com sessões diárias das 20h00m às 22h00m, determinou que os participantes devessem estar vestidos de branco e o atendimento a todos seria gratuito.

O grupo que acabara de ser fundado recebeu o nome de “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade” e o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse as seguintes palavras:

“Assim como Maria acolhe em seus braços o filho, a tenda acolherá aos que a ela recorrerem nas horas de aflição, todas as entidades serão ouvidas, e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai”.

Nessa mesma noite Zélio incorporou um preto velho chamado Pai Antônio, aquele que, com fala mansa, foi confundido como loucura em seu aparelho e com palavras de muita sabedoria e humildade

o com timidez aparente, recusava-se a sentar-se junto com os presentes à mesa dizendo as seguintes palavras:

“Nêgo num senta não meu sinhô fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco e nêgo deve arrespeitá”

Após insistência dos presentes fala:

“Num carece preocupá não. Nêgo fica no toco que é luqá di Nêgo”.

Assim, continuou dizendo outras palavras representando a sua humildade. Uma pessoa na reunião perguntou se ele sentia falta de alguma coisa que tinha deixado na terra e ele respondeu:

“Minha caximba. Nêgo qué o pito que deixou no toco. Manda mureque buscá”.

Tal afirmativa deixou os presentes perplexos, os quais estavam presenciando a solicitação do primeiro elemento de trabalho para esta religião. Foi Pai Antônio também a primeira entidade a solicitar uma guia.

Nos dias seguintes, verdadeira romaria se formou na casa de Zélio.

Passado algum tempo manifestou-se um espírito com o nome de Orixá Malé, este responsável por desmanchar trabalhos de baixa magia, espírito que, quando em demanda era agitado e sábio destruindo as energias malélicas do que lhe procuravam.

Dez anos depois, em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebendo ordens do astral fundou sete tendas para a propagação da Umbanda, sendo elas as seguintes:

- ✓ Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia
- ✓ Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição
- ✓ Tenda Espírita Santa Bárbara
- ✓ Tenda Espírita São Pedro
- ✓ Tenda Espírita Oxalá
- ✓ Tenda Espírita São Jorge
- ✓ Tenda Espírita São Jerônimo

O ritual sempre foi simples, com cânticos baixos e harmoniosos e vestimenta branca, nunca foi permitido sacrifício de animais, capacetes, espadas, cocares, vestimentas de cor, lamês e outros acessórios não seriam aceitos.

Dispensou os atabaques e as palmas. Os atabaques começaram a ser usados com o passar do tempo por algumas das Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

As guias usadas eram apenas as determinadas pelas entidades que se manifestavam.

SIGNIFICADO DE UMBANDA

Segundo o dicionário escolar da Língua Portuguesa:

Umbanda significa o chefe das macumbas;

No entendimento de alguns estudiosos, a palavra Umbanda é derivada da palavra AUMBHANDAM, que significa em Abaenga (o primeiro alfabeto revelado ao homem), o conjunto das leis dividas.

AUM	Deus, Glória
BHAN	Conjunto ou sistema
DAM	Lei, norma

ORIGEM DA UMBANDA

A Umbanda atual, praticada na maioria dos terreiros, é baseada em quatro ramos diferentes no aspecto exterior de cada um, mas análogos em seu conteúdo.

1. O primeiro ramo foi fornecido pelos cultos de nações, trazido pelos escravos negros que vieram da África;
2. O segundo foi imposto pelo catolicismo (religião dominante aquela época);
3. O terceiro veio dos indígenas brasileiros que, juntando-se aos rituais africanistas, deu-lhe boa contribuição;
4. O quarto e último ramo deu-se pela assimilação da mediunidade regular e da filosofia kardecista, cujos conceitos acerca da Espiritualidade, são as mais lindas e perfeitas aparecidas até hoje;

DAS CONTRIBUIÇÕES:

ÁFRICA

Conhecido como o continente negro, por possuir a maioria de sua população constituída da raça negra. Os negros habitam desde o sul do deserto do Saara até o extremo sul do continente.

Predominam entre as raças negras, dois grupos étnicos, os sudaneses e os bantos.

Os sudaneses ocupam a parte centro-ocidental e os bantos vivem na parte central, meridional (sul) e em grande parte da ilha de Madagascar, esta situada a sudoeste do continente.

Além dos dois grupos predominantes, são encontrados também (em menor densidade) os camitas (habitantes do deserto do Saara), dos semitas (localizados ao norte) e representados pelos árabes e judeus; dos hotentotes e bosquímanos (a sudoeste do continente, próximo ao deserto de Kaalari); dos malgaxes e hovas (ocupantes de metade da ilha de Madagascar), juntamente com bantos, e dos pigmeus habitantes de diversos pontos da floresta equatorial ao centro e a oeste do continente negro.

Como não podia deixar de ser, por serem em maior número, os escravos que vieram para o Brasil, logo depois de seu descobrimento e até meados do Século XIX, constituíam-se em quase sua totalidade oriundos de sudaneses e bantos, contando também, em menor número de membros de outras etnias.

Os membros destas etnias não falavam o mesmo idioma, mas sim dialetos próprios, também não professavam a mesma religião, muito embora pertencessem a seitas denominadas *fetichistas*, por cultuarem os *elementos espirituais*.

Elementos naturais eram para eles a personificação de espíritos encantados, como diziam, a quem chamavam de Orixás, com atribuições e atividades, bem como missões ligadas aos fenômenos naturais e sociais.

Durante o tráfico escravagista, os navios conduziam os negros capturados, por diferentes rotas. Aqueles provenientes do norte da África (trazendo os sudaneses) cujo povo era subdivido em outras comunidades menores (*nagôs*, *jejes*, *malês* e *minas*) de acordo com a região ou local em que habitavam eram preferencialmente desembarcados nos portos situados nas regiões norte e nordeste brasileira, tais como Salvador, Recife, Belém e etc. Aqueles oriundos do centro-oeste africano (bantos) eram geralmente destinados aos portos do sudeste brasileiro, tais como Rio de Janeiro, Santos, Vitória, Porto Alegre e etc.

Desta forma a terminologia abaixo, identifica a região e a cultura dos escravos

Jeje	identifica os povos e as culturas dos negros procedentes do Daomé;
Nagô	classifica os escravos iorubas provenientes da Nigéria
Maiê	descreve os negros praticantes da religião islâmica (mulçumanos)
Mina	atribuído aos negros africanos de dois grupos pouco numerosos (Fanti e Ashanti)
Banto	denominação genérica atribuída aos que habitavam as regiões atualmente conhecidas como Congo, Angola e Moçambique

Chegados ao Brasil e vendidos em leilões públicos, eram dispersos pelas fazendas, cidades e sertões.

Nos leilões nos quais eram vendidos, os senhores de engenho muitas vezes adquiriam lotes de escravos de uma só nação ou de diversos grupos étnicos, sendo misturados nas senzalas.

Reunidos os escravos, os quais provinham de nações diferentes, havendo divergências quanto aos hábitos e, costumes, e cultos religiosos, prevaleciam então quando das reuniões as divindades, os rituais dos mais numerosos ou dos mais inteligentes.

Nos Estados do Norte e Nordeste do Brasil, em face da predominância de sudaneses, estes sobressaíram entre os demais grupos étnicos, o mesmo sucedendo em relação aos bantos nos Estados do Sul e Sudeste do país.

Espalhados pelo Brasil todos os escravos nos legaram vários cultos relacionados aos seus próprios, nascendo então o *Catimbó*, na região Nordeste (em mistura com práticas indígenas dos silvícolas brasileiros); o *Xangô* no Estado de Pernambuco, o *Candomblé* no Estado da Bahia, esta por sua vez, com acentuada influência na *Umbanda* nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo; o *Batuque* no Rio Grande do Sul e, outros de menor importância como o *Omolocô*, e etc.

A prática ao culto em sua forma nativa não permaneceu intacta. No Brasil, com raríssimas exceções, sofreu influência de várias outras modalidades de cultos, surgindo desta forma práticas mescladas como o Candomblé de Caboclo, o chamado Umbandomblé.

Apesar de toda perseguição sofrida, a Umbanda cresceu de forma espantosa e foi se desligando do Candomblé e aproximando-se, em alguns aspectos, do espiritismo.

Os cultos em sua forma original, não possuíam ídolos nem imagens, mas totens (objetos ou animais a que certos grupos primitivos de julgavam filiados e a eles dedicavam veneração) e de máscaras representativas de seus deuses.

As imagens hoje colocadas em alguns altares foram copiadas dos católicos, uma vez que os índios brasileiros não as adotavam; no princípio o ritual era puramente fetichista.

Desta forma, como se depreende em relação aos cultos africanos, nenhum deles, aqui praticados atualmente, pode ser considerado virgem, puro e original; e, nem o poderiam, visto que espalhados pelo país interior, e misturados entre si, escravos negros de diversas etnias tiveram que se adaptar a devoção de outros escravos em maior número, confundindo seus Orixás a outros deuses quase semelhantes, o mesmo ocorrendo com a forma devocional originária.

Assim sendo, ante esta mescla, haveria como é óbvio o nascimento de outros cultos, se não divergentes em sua essência, diferentes em sua forma exterior, bem como nas lendas e na genealogia dos Orixás. Razão por que se torna difícil e, quase impossível de se estabelecer paralelo no relato histórico através dos tempos, em razão da forçada mistura a que se viram obrigados e, mesmo por que adotaram práticas que, se não lhes foram totalmente estranhas, também não lhes eram familiares, como o caso dos cultos indígenas brasileiros, da liturgia católica romana e depois da comunicação com os mortos através da mediunidade de incorporação. Este fato anteriormente aberrativo para eles, pois não aceitavam esse tipo de mediação, mas tão somente recebendo ou se deixando envolver pelos fluídos dos Orixás, sem, contudo incorporá-los.

CATOLICISMO

A devoção dos escravos, não era bem vista e aceita pelos senhores brancos. Estes soberbos, intolerantes, superiores culturalmente, e, pressionados pela Igreja Católica, que considerava os cultos dos negros de feiticeiros, buscaram, como diziam na época, reeducar e catequizar o “negro ignorante”, tal como já haviam feito com os índios, impondo a religião dos padres, a quem respeitavam.

Passaram a perseguir os escravos indefesos, proibindo-os de se reunirem para louvar seus Orixás, aplicando nos mesmos os mais severos castigos corporais.

Os negros, não tão ignorantes quanto imaginados pelos senhores brancos, para poderem cultuar seus deuses, sem deixarem suspeitas, passaram a utilizar-se das imagens de santos católicos os quais eram colocadas em altares a moda dos brancos. Este disfarce se estendeu além, sendo dado o nome de seus Orixás aos santos católicos, procedimento que permanece até os dias atuais.

Desta prática disfarçada, assimilaram e adotaram muitos dos costumes da igreja católica, tais como santos, velas, orações, bater cabeça, altar, etc.

INDÍGENAS

Muitos grupos de escravos receberam a adesão de índios e de mestiços.

Os índios e mestiços, culturalmente inferiores aos negros, terminaram por aceitar seus rituais, mesmo por que, tinham algo em comum e em muito se assemelhavam, devido às danças, cânticos, fetiches (objetos relacionados aos Orixás) além de deuses de origem e atividades quase idênticas. Desta forma não titubearam em aderir à ritualística negra, contribuindo com enorme bagagem de divindades as quais se misturaram a dos africanos.

Cumprido ressaltar que se tratava de deuses abstratos, ou melhor, mitológicos, os quais representavam forças da natureza, não espíritos de mortos, mas encantados, como hoje se afirma nos cultos afros, notadamente no Candomblé.

ESPIRITISMO

Ante o advento da Codificação do Espiritismo, levado a efeito por Allan Kardec, em que se ressaltou o papel da mediunidade, facultada esta de se comunicar com os espíritos dos mortos, alguns grupos passaram, muito depois, a incorporar essas almas falecidas e delas obterem comunicações diretas.

Assim sendo, temos aí um prelúdio da Umbanda, embora nem todas as nações adotassem esse procedimento, ficando fiéis à origem, ou seja, não dando passividade a espíritos de mortos, mas tão somente se deixando envolver pelos fluídos dos Orixás, que, como já dissemos, são espíritos encantados da natureza ou forças naturais, entidades que como dizem, nunca passaram pela forma humana, sendo apenas ligados aos recursos naturais, tais como os mares, rios, fontes, cachoeiras, matas e etc., cada um com atividade dentro do campo no qual atua.

FORMAS VARIADAS DA UMBANDA

Hoje temos várias religiões com o nome "Umbanda" (Linhas Doutrinárias) que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que se absorveram características de outras religiões, mas que mantém a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Alguns exemplos dessas ramificações são:

- **Umbanda Popular** – Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixás Africanos;
- **Umbanda tradicional** – Oriunda de Zélio Fernandino de Moraes;
- **Umbanda Branca e/ou de Mesa** – Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-giras, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas como fonte doutrinária;
- **Umbanda Omolokô** – Trazida da África pelo Tatá Tancredo da Silva Pinto. Onde encontramos um misto entre o culto dos Orixás e o trabalho direcionado dos Guias;
- **Umbanda Traçada ou Umbandomblé** – Onde existe uma diferenciação entre Umbanda e Candomblé, mas o mesmo sacerdote ora vira para a Umbanda, ora vira para o Candomblé em sessões diferenciadas. Não é feito tudo ao mesmo tempo. As sessões são feitas em dias e horários diferentes;

- **Umbanda Esotérica** – É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira Magno, Emanuel Zespo e o W. W. da Matta (Mestre Yapacany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";
- **Umbanda Iniciática** – É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombhandhum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sânscrito;
- **Umbanda de Caboclo** – Influência da cultura indígena brasileira com seu foco principal nos guias conhecidos como "Caboclos";
- **Umbanda de pretos-velhos** – Influência da cultura Africana, onde podemos encontrar elementos sincréticos, o culto aos Orixás, e onde o comando é feito pelos pretos-velhos;

Outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda.

CANDOMBLÉ

Candomblé é uma palavra derivada da língua bantu: ca [ka]=uso, costume, ndomb=negro, preto e lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque. A reunião dos três vocábulos resulta em "lugar de costume dos negros", por extensão, lugar de tradições negras, tradições entre as quais, destacam-se, no sentido atual as práticas religiosas que incluem a música percussiva [A TARDE, 1980]. Outra interpretação informa que kandombele significa "adorar" [Ngunz'tala, 2006].

Hoje reconhecido como religião, no passado, o Candomblé teve seus dias de marginalidade. No período do Estado Novo, por exemplo, entre 1937 e 1945, foi proibido por lei, seus adeptos perseguidos e presos pela polícia. Quando se fala em Candomblé um dos aspectos mais destacados é o sincretismo entre religiosidade africana e catolicismo. Todavia, em geral, a tal religiosidade africana é vista como algo monolítico, homogêneo.

Trata-se de uma visão estereotipada da África e de seus povos. O sincretismo do Candomblé, na verdade, tem sua origem na própria África, onde existiu, na época da colonização, e antes, e atualmente, uma enorme diversidade de povos e culturas interagentes. O panteão africano reúne mais de 400 divindades.

QUIMBANDA ou KIMBANDA

Quimbanda é uma ramificação da Umbanda desde a sua fundação por Zélio, já que o mesmo admitiu ter um Exu como guia por ordens de seus guias. Assim como qualquer religião, dentro da quimbanda, existem várias linhas de desenvolvimento, mas o princípio de trabalhar respeitando as leis da Umbanda é fundamental, uma vez que estas entidades são comandadas pelas entidades da Umbanda, que é sua matriz.

A Quimbanda é onde atuam os Exus e Pombas-giras (também chamados de "Povo de Rua"); estes fazem uso de forças negativas (isso não significa malignas), muitas vezes estão presentes em lugares onde possa ter Kiumbas (obsessores-seres malignos, também conhecidos como Egum). Estas entidades

trabalham basicamente para seu desenvolvimento espiritual, para que possam evoluir e assim encontrar seu caminho. Voltam para trabalhar justamente para cumprir algum carma que deixou em outra encarnação. Por isso, estas entidades têm muita semelhança com os humanos, usando linguagens por vezes atuais.

A entrega de oferendas é comum na Quimbanda, assim como na Umbanda. As oferendas variam de acordo com cada entidade. Algumas linhas também consideram oferendas com animais. Também podem ser oferecidas bebidas alcoólicas, como cachaça, uísque ou conhaque, entre outros.

Não se deve confundir a quimbanda com a **KIUMBANDA** (popularmente conhecida como magia negra), que não respeita os princípios fundamentais da Umbanda. Uma vez sem doutrina e uma linha de comando, muitas vezes realizam trabalhos que não trazem crescimento espiritual para aquela entidade, inclusive tirando a vida de pessoas.